

TÓPICOS ESPECIAIS DE SEMÂNTICA ESTRUTURALISTA - O USO DO GERÚNDIO

Cláudia Assad Alvares¹

RESUMO: *A impropriedade vocabular – ou inadequação vocabular – ocorre por força da combinação incompatível dos traços semânticos das palavras envolvidas na construção de uma frase. A consequência natural é a falta de clareza dos textos resultantes, sobretudo pelo emprego inadequado do gerúndio, cujo afixo, não raro, conecta-se a morfemas lexicais incompatíveis entre si, em uma seqüência de sintagmas, o que pode provocar uma espécie de estranhamento do leitor. Este artigo pretende abordar alguns aspectos estruturais do léxico que contribuem para a clareza de um texto, em função do léxico escolhido para compô-lo, com ênfase particular no emprego do gerúndio.*

PALAVRAS-CHAVE: *léxico; semântica estruturalista; impropriedade vocabular; gerúndio.*

ABSTRACT: *Impropriety in vocabulary use is due to incompatible combination of word semantics features in the constructions of clauses. A natural consequence of unsuitable combinations is the lack of clarity in texts where it happens. Focusing the misuse of -ing verbs in Portuguese Language, these paper aims to approach some structural aspects of the lexicon that contributes for textual clarity. It is shown that, not rarely, improper use of -ing verb is due to inadequate combination of the verb suffixes and lexical roots whose meaning is not compatible with the semantic proprieties of these verb form.*

KEYWORDS: *lexicon; structural semantics; vocabulary misuse; -ing verbs.*

INTRODUÇÃO

A atribuição de sufixos a determinado radical não é um mero jogo de encaixes, uma vez que esses pequenos morfemas agregam ao lexema ao qual se conectam traços valorizadores ou pejorativos; contudo, esses traços não são inerentes aos sufixos, *mas surgem da combinação entre eles e o radical.*

O objetivo deste artigo é abordar determinados aspectos estruturais do léxico que contribuem para a clareza de um texto, em função da combinatória sêmica entre as palavras que o compõem, com ênfase particular no uso que se faz do gerúndio.

¹ Doutoranda em Letras pela USP e professora da Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II, da arquidiocese do Rio de Janeiro.

(...) Las oraciones siguientes tienen el mismo significado:

(37) That man is not well. ‘Ese hombre no está sano’

(38) That man is ill. ‘Ese hombre está enfermo’

Pero estas oraciones no son equivalentes:

(39) That man is not tall. ‘Ese hombre no es alto’

(40) That man is short. ‘Ese hombre es bajo’

Hay un estrecho e indeterminado ámbito de valores entre aquellos que son claramente altos y los que son claramente bajos. (Langendoen, 1971, p. 84).

Naturalmente que, se tomarmos “são” no sentido de “sadio”, “saudável”, havemos de concordar que, de fato, as orações (37) e (38) têm o mesmo significado, já que “não estar sadio” é o mesmo que “estar doente”. Isto ocorre porque podemos atribuir o traço [+ saúde] à palavra “são” em oposição à ausência desse traço, no caso, [- saúde], em “doente”.

Há que se observar, contudo, que a atribuição de traços não é tão simples como possa parecer, já que não podemos isolar as palavras e *destacá-las* de seus contextos como destacamos uma folha de um caderno, pois, caso isto se dê, seremos forçados a admitir que “dias úteis” e “dias inúteis” são expressões antônimas, uma vez que “útil” opõe-se a “inútil”.

No caso das orações (39) e (40), a situação é ainda mais complexa, pois é preciso levar em conta, não só o contexto de cada oração, mas também a experiência do falante, senão, vejamos: dizer que um homem não é alto não significa *necessariamente* que ele seja baixo; um técnico de vôlei, por exemplo, pode não considerar um homem de um metro e oitenta suficientemente alto para integrar sua equipe, ao passo que, para a esposa desse homem, que é 20 centímetros mais baixa, ele provavelmente é considerado bastante alto. Assim, não podemos, de fato, afirmar que as orações (39) e (40) sejam, de fato, equivalentes, pois, ao dizermos que o homem não é alto, é preciso especificar os parâmetros de altura utilizados para compor a frase, assim como o contexto em que ela está inserida. Não se trata aqui de uma mera substituição de “alto” por “baixo” no paradigma dos adjetivos.

De um modo geral, trabalhamos com traços binários, como, por exemplo, [+ animado] x [- animado]; convém observar ainda que o que designamos por “traço binário” é um único traço com duas especificações que se opõem; assim, temos o traço “animado”, que estará presente [+]

em *cão*, por exemplo, e ausente [-] em *lápiz*. O binarismo, portanto, refere-se às duas especificações possíveis.

Entretanto, nem sempre é possível fazer especificações desse tipo; em *criança*, por exemplo, temos um traço não-especificado para o sexo; desse modo, em relação ao traço “macho”, a atribuição será feita sem qualquer sinal, assim: [macho].

Quando lemos um texto qualquer e nos deparamos com uma palavra que desconhecemos, temos três opções: tentar entender o seu significado por meio do contexto frasal – ou co-texto, perguntar para alguém ou recorrer ao dicionário; entretanto, de um modo geral, não temos problemas para entender a maioria das palavras do texto, sobretudo, aquelas que integram o nosso cotidiano, como é o caso da palavra “dia”. Aparentemente, o trecho abaixo não nos causa nenhum problema de interpretação:

(...)

1 No princípio criou Deus os céus e a terra.

(...)

5 E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.

(...)

8 E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.

(...)

E foi a tarde e a manhã, o dia terceiro.

(...).

(*A Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento. Versão Digital (Freeware) 5.0, 2004.*)

Como podemos observar, Deus criou os céus e a terra em seis dias, tendo descansado no sétimo; todavia, quando pensamos nas descobertas da geologia, da astronomia e da física, parece-nos surrealista que a criação dos céus e da terra tenha, de fato, se dado em apenas seis dias, sobretudo, quando é tão natural para nós pensarmos na palavra “dia” como o espaço de 24 horas.

Basta uma visita a qualquer dicionário para constatarmos que, em nossa cultura, um dia tem 24 horas; no Houaiss, por exemplo, quase todas as acepções do verbete “dia” tomam como parâmetro o intervalo de tempo de 24 horas; assim, podemos afirmar que o traço “24 horas” está presente em cada uma dessas acepções [+ 24 horas]. Em relação a definições como “momento oportuno”, “circunstância favorável” e “o decurso da existência” (Houaiss, 2001), não cabe falarmos em “presença” ou “ausência” desse traço porque ele não é pertinente, uma vez que a palavra “dia” não está sendo usada em seu sentido literal; entretanto, ainda assim, convém salientar que, em nenhum momento, há qualquer pista lingüística que nos autorize a interpretar a palavra “dia” a partir de outro parâmetro, que não o de 24 horas; então, para ilustrar, a acepção “o decurso da existência”, ao mencionar

o tempo de vida de alguém, trabalha com a idéia de “anos” (“até o fim de seus dias” implica, ao menos, alguns anos), que, para nós, brasileiros, equivale a **365 dias** x o número de anos que o sujeito viveu e, como já sabemos, cada dia tem exatas 24 horas.

Como sabemos, os originais do Velho Testamento estão em hebraico e, nessa língua, a palavra “dia” não tem o mesmo sentido que atribuímos a ela, conforme atesta o verbete acima. Vamos analisar o fragmento abaixo (Semblano, 2000, p. 37):

Compreendendo melhor os “longos” Dias

1º) **Provas científicas:** A terra passou por transformações, em sua estrutura geológica, de milhões de anos. Somente de mudança de pólos foram 400. Foram encontrados milhares de fósseis muito anteriores aos 5761 anos da interpretação literal, inclusive de espécies extintas.

2º) **Yom:** A palavra “dias” a que se refere a Criação, no original hebraico é *yom* (...), palavra esta que tem um sentido muito mais amplo que um período de 24 horas, podendo significar *períodos de tempo*, o que faz com que, por exemplo, as datações dos fósseis não sejam contraditórias ao período da Criação. (...).

Se, como afirma o autor, a palavra *yom* tem um sentido muito mais amplo do que o de nossa palavra “dia”, as implicações semânticas são evidentes, uma vez que a atribuição de traços não poderá ser a mesma, aliás, o traço “24 horas” sequer poderá estar contido nesse sentido “muito mais amplo”, afinal, não se trata aqui de uma relação entre hipônimos e hiperônimo, uma vez que os parâmetros considerados na contagem do tempo envolvem milhões, bilhões de anos, conforme atesta a geologia (Semblano, p. 2000), o que faz que meras 24 horas sejam engolidas pelo enorme vácuo temporal.

É fato que a combinatória sêmica sobrepõe-se aos traços semânticos de uma só palavra, uma vez que esta não é uma ilha isolada, perdida no oceano, mas, ao contrário, combina-se com outras unidades menores para formar unidades cada vez maiores, como estruturas frasais e textuais; assim, temos que a palavra “manga” em “manga azeda” e “manga descosturada” recebe traços diferentes dos adjetivos determinantes, o que torna possível a interpretação de que, no primeiro sintagma, referimo-nos à fruta e no segundo, a uma peça de roupa.

Contudo, uma pessoa que desconheça a presença do hífen em “manga-rosa” pode escrever “manga rosa” e, a não ser pelo contexto, não saberemos se se trata da fruta ou da peça de roupa (de uma blusa rosa, por exemplo).

A respeito da combinatória sêmica, nos fala Langendoen (1971, p. 78) que

(...) Del mismo modo se puede establecer rasgos de selección para todos los verbos y adjetivos del léxico, y (...), también para cada sustantivo.

Se puede representar también en términos de rasgos la distinción entre verbos transitivos e intransitivos.

Há que se observar, todavia, que a combinação de traços semânticos não se dá apenas entre palavras lexicais; vejamos agora um exemplo de projeção sêmica, a partir do uso de afixos: o sintagma nominal “manga descosturada” opõe-se ao sintagma “manga costurada” tão-somente pela presença do prefixo des- no primeiro sintagma, uma vez que esse prefixo projeta no adjetivo ao qual está conectado o traço semântico [+ negação]; portanto, além da combinatória entre o substantivo e o adjetivo, podemos afirmar que o traço distintivo que opõe ambos os sintagmas é projetado a partir do prefixo de negação.

Convém salientar que, por mais que um determinado morfema tenha um valor “fixo” dado pela gramática (por exemplo, -inh(o) é sufixo “diminutivo”), esse valor, que podemos considerar um “valor-base”, pode variar (e, com frequência, varia) em função do contexto (lembremo-nos de que “patricinha” não é o diminutivo de “Patrícia”), seja este extralingüístico ou não (um texto, uma frase ou, até mesmo, um outro morfema).

EMPREGO DO GERÚNDIO

No caso específico do gerúndio em língua portuguesa, pretendo explorar a presença do traço “simultaneidade” no semema dessa “forma nominal”; convém observar que esse traço também se acha presente no caso da língua francesa; vejamos:

(...)7. Une grande femme commune s’approche en se moquant (a) de nous. [Uma mulherona aproximou-se escarnecendo de nós.](...).

Advertência gramatical

(a) O particípio presente, precedido da preposição *en*, toma o nome de *gerúndio* (gérondif), exprimindo sempre uma idéia de *modo*, de *tempo* ou de *causa*, e indicando que **são simultâneas a ação do particípio e a do verbo que o acompanha**, ex.: *Je m’amuse en lisant*; Divirto-me lendo. (O negrito é meu). (Bensabat, s./d., p. 107).

Antes de analisarmos o fragmento acima, vejamos o que nos falam Perrez et alii (2000, p. 130):

I. Participios

1. Le participe présent (o participio presente)

(...)

PARTICÍPIO PRESENTE

ayant (tendo)

étant (sendo/estando)

savant (sabendo)

(...)

c) *Empregue como verbo*

i) **en** + participio presente (*gérondif*)

Quando o sujeito do participio presente é o mesmo do do verbo principal, esta estrutura (*gérondif*) é muitas vezes utilizada para exprimir simultaneidade (de acções) e modo (como se faz). Pode traduzir-se por uma oração subordinativa temporal ou pela estrutura *a + infinitivo* (construção equivalente ao gerúndio)

Mais à frente, os autores fornecem-nos exemplos de acções simultâneas entre o verbo no gerúndio e o que o antecede (2000, pp. 130 – 131):

* acções simultâneas

quando é utilizada para designar acções simultâneas, esta estrutura traduz-se para português por uma oração subordinada temporal

il est tombe en descendant l'escalier
ele caiu, quando descia as escadas

en le voyant, j'ai éclaté de rire
quando (assim que) o vi, desatei a rir

elle lisait le journal en attendant le bus
enquanto esperava o autocarro, ela lia o jornal

Nota: muito freqüentemente utiliza-se o advérbio **tout**, antes de **en**, para dar ênfase à simultaneidade das duas acções, especialmente quando há um elemento de contradição:

**elle écoutait la radio tout en faisant ses devoirs
enquanto fazia os trabalhos de casa, ela ouvia rádio**

* como

quando exprime o modo como a acção é feita, o **gérondif** traduz-se por “a” + infinitivo:

il gagne sa vie en vendant des voitures
ganha a vida a vender (vendendo) carros

il est sorti du magazin en courant
saiu da loja a correr

(...)

É de se notar que não é preciso haver *necessariamente* uma coincidência entre a simultaneidade de ações e o modo como é realizada a ação expressa pelo verbo no gerúndio; isto se dá porque nem todo verbo no gerúndio exprime modo, isto é, o gerúndio pode expressar tão-somente simultaneidade de ação em relação ao verbo que o antecede. Vejamos: o primeiro exemplo (Bensabat, s./d.), “Uma mulherona aproximou-se escarnecendo de nós.” exprime simultaneidade de ações, mas não o modo; observe-se que nada impede que a mulher aproxime-se escarnecendo de alguém; trata-se de duas ações perfeitamente compatíveis para o traço “simultaneidade”, uma vez que “aproximar-se” envolve movimento das pernas e dos pés, ao passo que “escarnecer” envolve movimentos faciais; portanto, nada há que impeça a simultaneidade dessas ações; entretanto, não se pode afirmar que “escarnecer” é o modo como alguém se aproxima de outra (s) pessoa (s); de um modo geral, nosso conhecimento de mundo fornece-nos um leque de opções compatíveis entre si, com base na associação de idéias semanticamente inter-relacionadas; assim, o verbo “aproximar-se”, em se tratando do modo, faz-nos pensar em modificadores (determinantes) que integrem um mesmo campo semântico, como, por exemplo, “depressa”, “devagar”, “cuidadosamente” (“pé ante pé”), “ruidosamente” (“estabanadamente”) e outros cujos sememas contenham o traço “movimento de pernas e pés” e, até mesmo, “movimento de braços e mãos”, mas não “movimentos faciais” porque “escarnecer” é uma ação, e não o modo como se realiza uma ação. Há que se notar que o modo é apenas uma parte da ação; trata-se de uma parte importante, mas é tão-somente uma parte.

A segunda oração (Bensabat, s./d.), “Divirto-me lendo.”, parece exibir as duas características, quais sejam simultaneidade e modo; vejamos: é perfeitamente viável que uma pessoa se divirta ao ler algo (*enquanto lê* algo), porque, nesse caso, a leitura é o próprio divertimento e também o modo como o sujeito se diverte, embora, de um modo geral, nosso conceito de

“diversão” costume ser, digamos, mais “dinâmico” do que o ato de ler; entretanto, como se trata de um conceito subjetivo (o de diversão), cada um escolhe a melhor maneira de se divertir.

Analisemos agora os exemplos dados por Perrez et alii (2000); segundo esses autores, as quatro primeiras frases exprimem concomitância de ações e as duas últimas, o modo:

Simultaneidade:

1. Ele caiu, **quando descia** as escadas.
2. **Quando (assim que) o vi**, desatei a rir.
3. **Enquanto esperava** o autocarro, ela lia o jornal.
4. **Enquanto fazia** os trabalhos de casa, ela ouvia rádio.

Modo:

5. Ganha a vida **a vender** carros.
6. Saiu da loja **a correr**.

Os trechos em negrito serão substituídos por uma forma gerundial; assim:

1. Ele caiu, **descendo** as escadas.
2. **Vendo-o**, desatei a rir.
3. **Esperando** o ônibus (autocarro), ela lia o jornal.
4. **Fazendo** os trabalhos de casa, ela ouvia rádio.
5. Ganha a vida **vendendo** carros.
6. Saiu da loja **correndo**.

Não é minha intenção formar um quadro sêmico para cada um desses verbos, a não ser que seja preciso fazê-lo para demonstrar que *simultaneidade* não implica necessariamente *modo*. Assim, no caso da frase 1, temos que ele caiu *enquanto* (ao mesmo tempo em que) descia (estava descendo) as escadas; há que se ressaltar, porém, que a simultaneidade aqui é pontual, pois ocorre tão-somente no momento em que a pessoa *tropeça ao descer um degrau*; a partir daí, ela “desce” as escadas caindo, ou seja, a partir do “tropeço”, “caindo” passa a ser o “modo” (naturalmente desagradável) de descer a escada.

Não há que se falar em modo na frase 2; o que há, de fato, é uma compatibilidade de traços semânticos entre os verbos “ver” e “rir” para o traço “simultaneidade” que torna possível a concomitância de “ações”, ou, por outras palavras, o sujeito desatou a rir ao ver (no momento em que viu) alguém.

As frases 3 e 4 também exprimem simultaneidade de ações; vejamos: no caso da frase 3, temos a atitude de espera e o ato de ler; de fato, podemos ler algo enquanto esperamos uma condução. É de se notar que a simultaneidade aqui não é pontual como na frase 1, mas durativa, pois tanto *leitura* como *espera* contêm esse traço em seus sememas. Em relação

à frase 4, “ouvir rádio” e “fazer os trabalhos de casa” podem ser ações simultâneas, pois é perfeitamente possível fazer algo enquanto (ao mesmo tempo em que) se ouve música. Aqui também não há que se falar em “modo”.

Já as frases 5 e 6 exprimem modo, mas não necessariamente simultaneidade; assim, temos que “vender carros” é o modo como o sujeito “ganha” a vida e “correndo” é o modo como alguém sai de uma loja, embora tenhamos de admitir que as ações de “correr” e “sair” também são simultâneas; no caso dessa frase, modo e simultaneidade confundem-se.

É de se notar que Bensabat (s./d., p. 107), em sua *Advertência gramatical*, comete uma impropriedade, ao expor sua teoria, quando nos fala que:

O particípio presente, precedido da preposição *en*, **toma** o nome de *gerúndio* (gérondif), **exprimindo** sempre uma idéia de *modo*, de *tempo* ou de *causa*, e **indicando** que são simultâneas a acção do particípio e a do verbo que o acompanha, (...) (o negrito é meu).

A impropriedade se dá porque, ao usar o gerúndio dos verbos “exprimir” e “indicar”, após o verbo “tomar”, o traço [simultaneidade], que integra o semema do gerúndio como um traço não-especificado, é “acionado”, ou seja, recebe o sinal “+” e passa a especificado como “presente”; entretanto, não há simultaneidade de ações entre os verbos “toma”, “exprimindo” e “indicando”, há, sim, uma relação de acarretamento, isto é, ao formar o gerúndio (preposição *en* + particípio presente = gerúndio), após formá-lo, o particípio presente *passa a exprimir* uma idéia de *modo*, *tempo* ou *causa*, segundo o autor, e *a indicar* simultaneidade de ações entre ele e o verbo que o precede. Assim, poder-se-ia propor a seguinte redação para o trecho: “O particípio presente, ..., *toma* o nome de gerúndio e, ao fazê-lo, *exprime* uma idéia de ... e *indica* que ...”.

Carneiro (1997, p. 175), em relação aos empregos não recomendados do gerúndio, fala-nos que devemos evitar usá-lo “(...) quando as ações expressas pelos dois verbos – gerúndio e verbo principal – não puderem ser simultâneas: *Chegou sentando-se.* (...)”.

Conforme poderemos observar, não se trata aqui de somar 2 e 2 e achar 4; não estamos fazendo cálculos, até porque, se o fizermos, os resultados serão não só 4, mas também 5, 6, 7, ... n, dependendo de fatores outros que não somente nosso aparato genético.

O problema da simultaneidade, na verdade, depende menos do gerúndio do que dos morfemas lexicais dos verbos considerados, senão vejamos: se compararmos, por exemplo, “Chegou cantando.” com “Chegou sentando-se.”, veremos que ambos os enunciados têm exatamente a mesma estrutura, a saber, são sintagmas verbais, sendo cada um com o *mesmo* verbo no pretérito perfeito seguido de verbo *diferente* no gerúndio; todavia, é perfeitamente viável que alguém chegue a algum lugar cantando;

aparentemente, “chegar” e “cantar” são formas verbais compatíveis para ocorrência simultânea, mas tal não se dá exclusivamente pela presença do gerúndio, mas pelos morfemas lexicais “cheg-” e “cant-“, que são compatíveis entre si para uma relação temporal de simultaneidade; há, inclusive, outras variantes que se podem substituir no eixo paradigmático do gerúndio; assim, temos que Fulano chegou...

- **sorrindo.**
- **chorando.**
- **pulando.**
- **correndo.**
- **gritando.**
- **berrando.**
- **dançando.**
- **rindo.**
- **repreendendo (o filho).**
- **andando.**
- etc.

Note-se que os morfemas lexicais contidos no eixo gerundial são perfeitamente compatíveis; nada impede, por exemplo, que uma pessoa chegue a algum lugar dançando, mas ninguém pode chegar “sentando-se”, já que haverá um conflito de traços semânticos que impedirá a simultaneidade das ações; vejamos: o verbo “chegar” contém, no seu semema, o traço [+ movimento], que não entra em conflito com o traço [+ voz], contido nos verbos “gritar”, “berrar” e “repreender”; do mesmo modo, a ausência do traço [- voz] – nos verbos “rindo”, “sorrindo” e “chorando” não implica nenhuma incompatibilidade com o verbo “chegar” e tampouco o verbo “chorar”, com o traço [ruído] não-marcado (um choro pode também ser silencioso) o faz. Mas vejamos o caso dos verbos “pular”, “correr”, “dançar”, “andar” e “sentar-se”; vamos entender por que este último contém traços que o incompatibilizam com o verbo “chegar” para uma relação temporal de simultaneidade.

Se especificarmos um pouco mais o traço [+ movimento] do verbo “chegar”, teremos a resposta:

verbo “chegar” – traço [+ movimento]

[+ movimento]:

[+ contínuo]

[+ para frente]
[+ horizontal]
[rápido]
[+ interrupção após certo tempo]
[+ durativo]

Vamos comparar o traço [+ movimento] com o mesmo traço nos demais verbos:

verbo “pular” – traço [+ movimento]

[+ movimento]:

[+ contínuo]

[+ para frente]
[+ horizontal]
[rápido]
[+ interrupção após certo tempo]
[+ durativo]

Convém observar que o traço [+ para frente] não é necessariamente sinônimo do traço [+ horizontal] embora tais palavras possam ser tomadas por quase-sinônimas. Para entendermos a diferença, comparemos “chegar” a “pular”: no caso do primeiro, torna-se fácil imaginar alguém chegando a algum lugar; naturalmente que o movimento feito é para frente (na maioria dos casos, pois nada impede que alguém ‘resolva’ andar de “marcha a ré”); de qualquer modo, o movimento feito será na horizontal (caso a pessoa não esteja subindo uma ladeira íngreme). A aparente sinonímia desfaz-se quando analisamos o verbo “pular”: uma pessoa, ao pular, faz movimentos verticais, para cima e para baixo; contudo, tais movimentos não a impedem de seguir em frente, de modo que a cada pulo dado um trecho do caminho possa ser vencido; um exemplo são as gincanas; nesse tipo de competição,

geralmente, há a corrida “dos sacos”, em que cada participante deve apostar corrida com os demais, só que dentro de um saco; como não dá para correr com as duas pernas dentro de um saco, os participantes pulam; portanto, eles *correm pulando* e *chegam* ao final da prova *pulando*.

Convém salientar que, no exemplo dado acima, o verbo “pular”, em sua forma gerundial, assume papel de modificador dos verbos “correr” e “chegar” e exprime o modo como alguém corre e chega, respectivamente, em uma gincana.

Vejam os demais verbos:

verbo “correr”: traço [+ movimento] e verbo “dançar”: traço [+ movimento]

[+ movimento]:
[+ contínuo]
[+ para frente]
[+ horizontal]
[+ rápido]
[+ interrupção após certo tempo]
[+ durativo]

[+ movimento]:
[+ contínuo]
[para frente]
[horizontal]
[rápido]
[+ interrupção após certo tempo]
[+ durativo]

verbo “andar”: traço [+ movimento] e verbo “sentar-se”: traço [+ movimento]

[+ movimento]:
[+ contínuo]
[+ para frente]
[+ horizontal]
[- rápido]
[+ interrupção após certo tempo]
[+ durativo]

[+ movimento]:
[- contínuo]
[+ para baixo]
[- horizontal]
[rápido]
[+ interrupção imediata]
[+ pontual]

Os quadros comparativos acima revelam-nos por que “chegar” e “sentar-se” são incompatíveis para uma relação temporal de simultaneidade: ambos não podem jamais ocorrer ao mesmo tempo se um é contínuo e o outro não; se um é para frente e o outro, para baixo; se um é horizontal e o outro, vertical; se um é interrompido após certo tempo, enquanto o

outro tem uma interrupção imediata; finalmente, ambos não podem ocorrer juntos se um é durativo e o outro, pontual; o único traço compatível entre ambos é o traço [rápido], que é não-especificado em ambos, já que uma pessoa pode chegar rápido ou devagar e, do mesmo modo, sentar-se rápido, “se jogando” ou devagar.

Portanto, a única relação temporal possível entre “chegar” e “sentar-se” é a relação de tempo posterior: primeiro a pessoa chega; depois se senta. Por esse motivo, o enunciado “Chegou sentando-se.” é semanticamente inviável e o emprego do gerúndio – por sugerir simultaneidade –, completamente impróprio. A relação temporal existente entre “chegar” e “sentar-se” pode ser expressa por meio do conectivo “e”: “Chegou e sentou-se.”, pois a “soma” de dois aspectos verbais diferentes (durativo + pontual) não só é perfeitamente possível, mas também sinaliza a relação de tempo posterior: “Chegou e (em seguida; logo depois etc.) sentou-se.”.

CONCLUSÕES

O presente artigo pretendeu mostrar apenas alguns de meus “embates” com o “uso” indiscriminado que se faz do gerúndio hoje em dia. Em textos em que há esse uso indiscriminado nos sentirmos imersos em um mundo sem referências temporais concretas, afinal, na “falta” de “palavra melhor”, a presença do gerúndio tenta nos convencer da simultaneidade de ações que, absolutamente, não são simultâneas.

Como o gerúndio é invariável, pode-se concluir que a incompatibilidade é atribuída a ele, sim, mas não só, pois os morfemas lexicais dos verbos envolvidos agregam traços semânticos que podem ou não, conforme foi demonstrado, compatibilizar esses verbos entre si. E, se as formas verbais não são compatíveis entre si, perde a clareza, perde o leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. F. de. (Tradução). *A Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. Versão Digital (Freeware) 5.0, 2004.
- BENSABAT, Jacob. *O francês sem mestre*. 6ª. ed. H. Brunswick (Rev.). Porto: Lello & Irmão, s./d.
- CARNEIRO, A. D. *Redação em Construção: A Escrita do Texto*. São Paulo: Moderna, 1997.
- HOUAISS, A. e M. de S. Villar. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANGENDOEN, D. Terence. La natureza de la semántica. In: CONTRERAS, Heles. *Los fundamentos de la gramática transformacional*. México, Siglo XXI ed., pp. 66–90, 1971.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca. *Traços semânticos*. UFRJ. Mimeo, s./d.

PERREZ, Raymond; Noël Peacock; Sabine Citron. LEXUS (Org.). Rosa Carreira (Trad.). *Nova gramática de francês*. Lisboa: Presença, 2000.

PROPRIEDADE no emprego do vocabulário. Material apostilado. Elaborado pelo grupo de pesquisadores que participa do Projeto de Estudos Textuais da Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 1993.

SEMBLANO, Martinho Lutero R. N. *Bereshit: A Criação, do Big Bang à costela de Adão*. Rio de Janeiro: Igreja de Nova Vida da Tijuca, 2000.